

Rubem Braga

NO PLANALTO DO PARANÁ

(pundom) **P**ODEM usar e abusar dessa árvore em horríveis quadros a óleo acadêmicos, e em decoração, em bandejas de madeira, até em pires ou caixinhas com paisagens feitas com asas de borboleta: o pinheiro do Paraná continua a ser uma bela, honesta e nobre árvore, com seu grosso tronco vertical e escuro onde não se enroscam cipós *(sem se prenderem)* parasitas — e, lá no alto, para compensar essa máscula sobriedade retilínea, os galhos ensinando a doçura suave das curvas abertas para o céu. Qualquer artista da Renascença amaria pintá-los no fundo de seus retratos ou de suas imagens de santa. Sob os pinheiros, as casas feitas com sua madeira são tôdas no estilo dos camponeses alemães, com o sótão para guardar as sementes, o telhado em forte rampa para deixar escorrer a neve das recordações, e uma das abas se alargando um pouco mais para cobrir a graça de uma varanda.

É bela e viva essa paisagem do planalto de Curitiba, que nós cortamos para o oeste, parando em Campo Largo para visitar uma fábrica de louças. Pouco antes do quilômetro 50 a estrada sobe a Serrinha, que é a aba do segundo planalto do Paraná — e avançamos agora por êsses gerais levemente ondulados.

A paisagem tem quatro- quintos de céu — e às vêzes, na velocidade do carro, distraídos, vemos o céu lá embaixo e o sentimos subir, e passar seu manto azul por nossos olhos, que vão embalados

entre o verde e o azul, nessa imensidão sem ângulos, nem linhas verticais, tôda em mansas curvas deitadas.

Até Palmeira vamos descendo suavemente; depois vem Ponta Grossa, grande e forte, cheia de gente, de comércio, de indústria, entroncamento de ferrovias e rodovias, grande e forte, no alto de uma colina. Saímos para ver ali perto, em Vila Velha, a extravagância dos blocos de arenito que se amontoam de súbito sôbre a imensidão dos campos apenas sombreados de capões e semelham muralhas derruídas de incas, monstruosas flôres surrealistas, tôrres velhas, lombos de esfinge, bichos petrificados de trinta metros de altura. Depois outra vez a lombada dos campos infinitos e, de repente, bela como um segrêdo de amor, escondida entre árvores, muito pura e transparente, a Lagoa Dourada.

Em Carambeí visitamos uma antiga colônia holandesa. São dezenas de famílias cujas vacas, também holandesas, produzem alguns milhares de litros de leite diariamente. As mulheres, rosadas e louras, parecem tão calmas e sadias e suaves como essas grandes vacas que, depois de pastar um pouco e ruminar vagas recordações da planura batava, erguem o focinho para comer no galho o fruto das pereiras carregadas. Êsses holandeses alimentam suas vacas a pêras, e parecem felizes e indefinivelmente melancólicos, à porta de suas casinhas de cortinas brancas, na frescura da tarde que vai tombando.